

**SONHAR UM CURRÍCULO - VIDA COM PROFESSORES EM FORMAÇÃO QUE  
ENSINAM CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

DREAMING A LIFE-CURRICULUM WITH PRESERVICE TEACHERS WHO TEACH  
SCIENCE IN THE EARLY YEARS

SOÑAR UN CURRÍCULO-VIDA CON DOCENTES EN FORMACIÓN QUE ENSEÑAN  
CIENCIAS EN LOS PRIMEROS AÑOS

Nereida Tavares Neves Benevides<sup>1</sup> 0009-0006-7168-8473

Caroline Barroncas de Oliveira<sup>2</sup> 0000-0001-8430-2855

Mônica de Oliveira Costa<sup>3</sup> 0000-0003-3771-3955

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Amazonas – Manaus, Amazonas, Brasil; e-mail:  
ntnb.mca24@uea.edu.br

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Amazonas – Manaus, Amazonas, Brasil; e-mail:  
cboliveira@uea.edu.br

<sup>3</sup> Universidade do Estado do Amazonas – Manaus, Amazonas, Brasil; e-mail:  
mdcosta@uea.edu.br

**RESUMO:**

Este ensaio tem por objetivo sonhar um currículo-vida confabulado pelo acontecimento, a partir do encontro com os professores em formação do curso de licenciatura em Pedagogia, na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). O que nos mobiliza é a convocação do sonho como método, isto é, compor um currículo-vida que atue na fabricação de professores outros que ensinam Ciências nos anos iniciais do ensino fundamental. Alinhadas à Filosofia da/na Diferença, assumimos a ferramenta do acontecimento e da escrita de si em Foucault (2022a;1992), para inventar outros currículos, em especial por meio da ideia de que o sonho é uma ferramenta para (re)existir e encontrar, nas miudezas do cotidiano, as fissuras que trazem espaços outros de experiências para um professorar sensível e inventivo. Para tanto, foi constituído um ateliê-vida durante o estágio docência enquanto currículo-vida e em movimentos fluídos, feitos e desfeitos cotidianamente tecidos a partir de encontros imprevistos. As linhas buscaram abandonar as marcas por contornos e traços muito definidos, haja vista que compreendiam um currículo que forma professores pelas ideias de transmissão, acúmulo, preenchimento dos corpos como argilas enrijecidas que não permitem outras formas. Aliás, essa argila é moldada em conformações e foi sendo [des]truída, [re]construída e [trans]construída quanto as linhas traçadas; ou melhor, passaram a acompanhar diferentes formatos. Em outras palavras, aqueles que também erram, são disformes, umedecidos. Assim sendo, o sonho aqui sonhado dispara outros tipos de artesanias, escritos de si em barro úmido, gotas de água da criação em multiplicidade de contornos.

**Palavras-chave:** acontecimento; currículo; sonho; vida.

**ABSTRACT:**

This essay aims to dream a life-curriculum conjured by the event, stemming from the encounter with pre-service teachers in the undergraduate Pedagogy program at the State University of Amazonas. What mobilizes us is the invocation of dreaming as a method to compose a life-curriculum that contributes to the crafting of other teachers — those who teach science in the

early years in new and unique ways. Aligned with the Philosophy of/within Difference, we adopt the tools of the event and self-writing in Foucault (2022a ; 1992), to invent alternative curricular modes grounded in the idea that dreaming is a method for (re)existence and a means to find, in the minutiae of everyday life, cracks that open up new spaces of experience for a sensitive and inventive way of teaching. To this end, a “life-atelier” was constituted during the teaching practicum, envisioned as a life-curriculum in fluid motion—daily woven, unraveled, and rewoven from unanticipated encounters. These threads sought to break away from clearly defined outlines and rigid contours typical of a curriculum centered on transmission, accumulation, and the filling of bodies, as if they were hardened clay no longer allowing for alternative forms. This clay, molded into conformations, was gradually [de]structured, [re]constructed, and [trans]constructed, and the lines drawn began to follow new shapes—those that also err, are formless, softened. The dream here sparks other forms of craft: self-writings in moist clay, droplets of creation composing a multiplicity of contours.

**Keywords:** event; curriculum; dream; life.

### RESUMEN:

Este ensayo tiene como objetivo proyectar un currículum-vida concebido desde el acontecimiento, a partir del encuentro con docentes en formación del curso de licenciatura en Pedagogía de la Universidad del Estado de Amazonas. Lo que nos impulsa es la convocatoria del sueño como método para configurar un currículum-vida que contribuya a la formación de otros modos de ser docente, particularmente en la enseñanza de Ciencias en los años iniciales. Inspiradas en la Filosofía de/en la Diferencia, adoptamos las nociones de acontecimiento y de escritura de sí Foucault (2022a ; 1992) como herramientas para la invención de otros currículos, entendiendo el sueño como una estrategia de (re)existencia. Nos proponemos localizar, en las grietas de lo cotidiano, espacios alternativos de experiencia que hagan posible un acto de enseñar sensible y creativo. Para ello, se constituyó un “taller-vida” durante el período de práctica docente, concebido como un currículum en movimiento fluido: tejidos y destejidos en el día a día, a partir de encuentros inesperados. Las líneas de este proceso buscaron desmarcarse de los contornos rígidos de un currículum tradicional, aquel que configura al docente mediante lógicas de transmisión, acumulación o moldeamiento de cuerpos —como si fueran arcillas endurecidas que no admiten nuevas formas. Esta arcilla ha sido [des]truida, [re]construida y [trans]formada, permitiendo que las líneas sigan trazos diversos: aquellos que también se desvían, que son informales, húmedos, abiertos. El sueño aquí soñado activa otras formas de artesanía: escrituras de sí en barro húmedo, gotas de creación que delinean una multiplicidad de contornos.

**Palabras clave:** acontecimiento; currículo; sueño; vida.

### Prelúdio

Foi nos encontros na disciplina “Concepções e Diretrizes Curriculares nas Ciências”, do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), que sentimos os atravessamentos, os incômodos e os desafios nos temas que integram o currículo, tema de constantes disputas e tensões da área da educação e presentes em nosso tempo. Esses conflitos têm nos movimentado a criar alternativas que permitam resistir e avançar por caminhos outros que não sejam dos currículos padronizadores, frutos de políticas do Estado.

Diante desse cenário, indagamos: Como falar de currículo sem falar da vida? Como imaginar a formação de professores que ensinam Ciências nos anos iniciais do ensino fundamental sem reconhecer os sonhos que atravessam seus corpos, histórias e territórios?

Como resultado da indagação, este ensaio nasce do desejo de tensionar a centralidade normativa do currículo para criar frestas em que a vida possa passar, não uma vida domesticada, mas aquela que sonha, escapa, resiste e reinventa. Tomamos, assim, o sonho como método, não no sentido de uma técnica mensurável ou de um roteiro pedagógico, mas como abertura sensível ao imprevisível, ao incalculável e ao que com a vida se faz. Sonhar, aqui, é gesto de pesquisa, modo de formar e de formar-se, uma reexistência. Desse modo, este estudo tem por objetivo sonhar um currículo-vida confabulado pelo acontecimento, a partir do encontro com os professores em formação do curso de licenciatura em Pedagogia, na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Na formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental, sobretudo no campo das ciências, a tendência à racionalização do ensino e à homogeneização dos saberes tem silenciado os afetos, as memórias e os devires que compõem o ato de ensinar. O sonho, nesse contexto, irrompe como ruptura e possibilidade. Sonhar, então, é dar passagem ao que vibra, é cultivar mundos possíveis mesmo em meio às ruínas do currículo-maior. Como a premissa de Dani-vi (2024) preconiza, sonhar é matéria múltipla de vida, composta por fluxos vitais, arranjos corporais e partículas co-implicadas que escapam às normas e aos conteúdos prescritos.

Inspiradas pela Filosofia da/na Diferença, especialmente pelos pensamentos de Deleuze e Guattari (1997), Foucault (1992) e Larrosa (2002), propomos pensar o currículo como devir, como campo de criação de mundos e acontecimento como experiência que nos atravessa e nos transforma. A escrita de si e nos moldes sugeridos por Michel Foucault (1992), opera aqui como prática formativa, política e estética, abrindo caminhos para a invenção de modos de ser professora no entrelaçamento com as forças da vida. Essa escrita se conjuga à compreensão de vida como acontecimento (Foucault, 2022a), o qual o sujeito não é dado, mas se compõe nas dobras da experiência e se abre como campo de possibilidades para pensar e atuar de forma diferente (Cardoso, 1995). Com isto, esse percurso é sustentado por uma articulação teórico-metodológico construída por meio de pesquisa bibliográfica, na qual se entrelaçam as reflexões de Silva (1999), Paraíso (2023), Veiga-Neto (2012), Corazza (2002; 2021), Corazza e Reis (2020) e Dani-vi (2024). Em suma, a partir dessas autorias, imaginamos o currículo como potência, fugindo das fronteiras rígidas das normatividades disciplinares e educativas. Nesse

tensionamento, o currículo deixa de ser mera estrutura técnica e passa a vibrar como linguagem da vida, abrindo-se à escuta das singularidades que habitam a docência, especialmente nos territórios amazônicos.

Nessa perspectiva, este ensaio está organizado em uma travessia e, por conseguinte, em duas seções, no qual a primeira visa nos situar como pesquisadora-mestranda e professoras-orientadoras implicadas em um processo formativo, que é também autobiográfico e político, com a teoria do currículo em sua relação com o poder, quanto às normatividades e às resistências possíveis, especialmente a partir da proposta de um currículo-menor (Paraíso, 2023). Na segunda seção, apresentamos a experiência formativa, vinculado ao Estágio Docência, sobretudo com os professores em formação do curso de Licenciatura em Pedagogia de uma Instituição Pública, destacando os efeitos e afetos de sonhar um currículo-vida confabulado pelo acontecimento.

Ao longo do texto, propomos uma escuta atenta às irrupções do cotidiano, aos gestos mínimos que resistem e aos sonhos que insistem em educar de outros modos. Como nos ensina Corazza (2002, p.16), “o currículo é sempre invenção”. Consequentemente, coerente ao que diz Krenak (2019) esclarece: sonhar é mais que dormir, é uma forma de orientar a vida. Perguntamo-nos, então: o que pode um sonho de um currículo-vida confabulado pelo acontecimento, a partir do encontro com professores em formação que ensinam ciências nos anos iniciais? Eis o convite deste ensaio: abrir espaços para que o sonho se torne método e currículo e, talvez, mundo.

### **Currículo-vida e a educação em ciências como um sonho sonhado**

Para pensar o currículo à luz da Filosofia da/na Diferença e nos enlaçarmos em movimentos oníricos em nosso trabalho, buscamos compreender as tensões e contradições que atravessam as relações de saber e poder que o constituem. Tal movimento nos permite vislumbrar outras possibilidades e trilhar caminhos de abertura à diferença, mantendo-nos sensíveis às “diferentes possibilidades de imaginar e realizar novas maneiras de ser e de estar no mundo” (Veiga-Neto, 2012, p. 272). Dessa maneira, pensar o currículo como invenção, com a potência do imaginar, é também considerar sua implicação com a produção de subjetividades, o modo como nos tornamos professores, estudantes, pesquisadores; enfim, gentes.

O pensamento de co-implicação entre o currículo e os modos de vida mobiliza o entendimento de que o currículo não deve ser pensado como um texto a ser interpretado, mas como uma escrita que se faz no ato de viver, no ato de aprender, no acontecimento que irrompe,

pois, é possível “[...] colocar o currículo sob a perspectiva da diferença, como aquilo que, por não ter lugar, se desloca, se movimenta, se insinua” (Corazza, 2002, p. 25); assim, abre-se a uma política da diferença que desestabiliza o sujeito e os saberes constituídos.

Em outros termos, o currículo como dispositivo central na dinâmica escolar, articula reflexões, disputas e práticas pedagógicas, orientando decisões sobre o ensinar e o aprender, e delineando projetos que dialogam com as transformações do mundo. Nesse território, perspectivas divergentes se confrontam, tornando-o um campo de embates simbólicos e políticos, estruturado por relações de poder e disputas de modos de vida. Pensá-lo, portanto, é reconhecer suas fissuras e potências na formação de sujeitos críticos, implicados e afetados por aquilo que ensinam e aprendem.

No Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), implantada em 2017 para a educação infantil e, em 2018, para o ensino médio, representa o currículo oficial. Em nosso trabalho, nomeamos esse ordenamento como “currículo-maior”, por entendê-lo como uma construção normativa produzida no interior do Estado, sobretudo com pretensões de universalização e padronização. Conforme Paraíso (2023, p. 13), trata-se de um currículo que porta o “selo estatal” e busca estruturar o que deve ser ensinado à população de forma geral, (for)matando modos de vida.

Entretanto, como afirma Silva (1999, p. 15), “quando pensamos em currículo, pensamos apenas em conhecimento, esquecendo de que o conhecimento que constitui o currículo está [...] envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, a nossa identidade, a nossa subjetividade”. Nesse sentido, o currículo é, também, um lugar de invenção de si, o qual a vida não passa mais a ser entendida de forma linear, mas como uma teia em rizomas e descontinuidades. Por isso, consideramos relevante pensar e discutir um currículo que esteja aberto para a vida e dispare possibilidades outras de existir.

Ainda que múltiplos currículos coexistam, todos carregam visões de mundo, intenções formativas e modos de subjetivação. Isto é, “Cada currículo é único, conectando-se de modos distintos com tempos, espaços, saberes, culturas, instituições e pessoas nos diferentes contextos por onde circula” (Paraíso, 2023, p. 18). A partir disso, aproximamo-nos do “currículo-menor”, constituído fora das lógicas normativas, forjado na experiência docente, nos encontros cotidianos com a diferença e com o desejo de ensinar e aprender em resistência ao intolerável (Paraíso, 2023, p. 14).

Trata-se de um currículo menor tecido em outros tempos, no qual borram o tempo “moderno” marcado pelos ponteiros dos padrões. Nele, o que dispara é a imprevisibilidades dos

encontros com os outros e com o “eu”, aquilo que irrompe e quebra a linearidade. “Assim, longe de nos sentirmos fragilizados frente aos monstros construídos nos e pelos mitos contemporâneos, que buscam nos massificar – nos marcar como gado – entendemos que é necessário e inevitável resistir a essas forças [...]” (Gallo, 2020, p. 198). Enfim, são “gestos menores” aqueles que compõe esse currículo; ou melhor, currículo como acontecimentos e “[...] Palavras, hábitos, gestos menores, vêm como um elogio à Terra, à natureza e à vida [...]” (Brito, 2018, p. 35).

Em nosso estágio-docência, vivenciado na disciplina: “Epistemologia da Pesquisa Educacional”, com estudantes do 5º período do curso de Licenciatura em Pedagogia, propusemos a experiência do currículo-menor, ou, como nos agrada dizer, do currículo-vida. “O currículo sempre tratou, trata e tratará da vida” (Paraíso, 2023, p. 9). Isto é, essa vida, em especial quanto a relação com todos os seres, humanos e não humanos, permite sonhar com uma educação potente, alegre e afirmativa da existência; ou seja, uma docência rascunhada pelos traçados da invenção e da fuga de rotas do pensamento. Em suma, tecida em borramentos das demarcações e bordas que engessam e enquadram formas de vida. Rascunhos singulares como múltiplas possibilidades de se fabricar em linhas da vida que tensionam as verdades eternas e abrem fissuras para outros sonhos.

Diante dessas observações, sonhar nosso currículo-vida é também vibrar com o devir, como uma força que escapa às lógicas da identidade, da genealogia e da representação, algo que não é uma passagem entre estados fixos, nem uma imitação ou filiação, como um movimento transversal, uma linha de fuga que atravessa populações, corpos e territórios, instaurando relações intensivas e não correspondentes; enfim, é pensado como rizoma uma multiplicidade sem centro, sem origem e destino, como afirmam os autores

Devir é um rizoma, não é uma árvore classificatória nem genealógica. Devir não é certamente imitar, nem identificar-se; nem regredir-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir, produzir uma filiação, produzir por filiação. Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não conduz a "parecer", nem "ser", nem "equivaler", nem "produzir" (Deleuze; Guattari, 1997, p. 15-16).

Deste modo, sonhar com o currículo é permanecer vibrando em potência mesmo diante das irrupções do caminho. Como afirma Foucault (2013, p. 20): “Pois bem, sonho com uma ciência – digo mesmo uma ciência – que teria por objeto esses espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos”.

Nesse cenário, convém discutir que a tradição onírica nos remete à Antiguidade Grega,

com “A Chave dos Sonhos, de Artemidoro, único texto intacto sobre a onirocricia, onde o sonho aparece como prática de vida e técnica de existência” (Foucault, 2022b, p. 7-8). Em ressonância, Dani-vi (2024, p. 9) compreende o sonho como “matéria de vida primordialmente múltipla e coletiva [...] fluxos vitais de grãos, partículas, ambiências, arranjos corporais e demais composições vibracionais materialmente oníricas e co-implicadas”. Em outras palavras, “sonhar é tão primordial para o pensar e inventar a vida” (Dani-vi, 2024, p. 205).

Nesse horizonte, deixamos-nos encantar pela força de uma pesquisa que sonha. A esse respeito, Ailton Krenak (2019, p. 51-52) nos convoca a ouvir o sonho como orientação existencial: “não como experiência cotidiana de dormir e acordar, mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia”. Além disso, o antropólogo tukano, João Rivelino Rezende Barreto, nos aproxima de uma cosmologia em que o sonho é parte das estratégias ancestrais de cuidado com a vida. O conhecimento do yai (xamã), seu pai, evidencia que o sonho orienta decisões e desata caminhos.

Sonhar o currículo-vida é, então, afirmar o acontecimento como potência. Segundo a premissa de Foucault (2022a, p. 208), o acontecimento se dá na ruptura, na emergência de novos modos de enunciar, pensar e existir. Ou ainda, como dizem Vilela e Bárcena-Orbe (2007, p. 17), o acontecimento “não pode ser objeto de explicação, mas, tão somente, de narração [...] pode-se mostrar o acontecimento, mas ele não pode ser dito”.

É nesse campo vibrátil entre currículo, vida, sonho e acontecimento, que nos movimentamos com os futuros professores do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas, cultivando o devir e a escuta das singularidades que pulsam nos corpos-docentes em formação em modos de ateliê.

## **O ateliê-vida como encontro-sonho de estágio docente com professores em formação**

O que pode um encontro-sonho formativo quando se permite afetar pela vida? Foi essa a pergunta que nos atravessou ao propor uma vivência com professores em formação no contexto do Estágio Docência. Tal vivência se constituiu como trama sensível entre o sentido da experiência, conforme Larrosa, e a força do acontecimento, tal como elaborado por Foucault e Deleuze. Não se tratava de conduzir uma prática docente reprodutora de conteúdo, mas de convocar um encontro que acontecesse como dobra no tempo, uma interrupção do ordinário, capaz de instaurar novos modos de ver, de sentir, de ensinar.

Para Foucault, o acontecimento não é um conceito fechado, mas uma chave diagnóstica

que revela as forças em jogo naquilo que parece evidente. Como nos explica Castro (2024, p. 29), “arqueologia é uma descrição dos discursos como acontecimento e a tarefa da filosofia consiste em diagnosticar o que acontece na atualidade”. O acontecimento, então, rompe com a linearidade da história e desnuda os bloqueios, os silenciamentos e as estratégias que sustentam o que foi naturalizado. Ele não é apenas o que se passa, mas aquilo que irrompe, que desestabiliza o presente e convoca uma nova visada da realidade. Já em Deleuze (2015, p. 56), os acontecimentos são “singularidades ideais que comunicam em um só e mesmo Acontecimento”, persistem no tempo do *Aión*, um tempo que não é o do instante vivido, mas o da eternidade do devir, do infinitivo, daquilo que insiste para além das formas que tentam capturá-lo.

Nesse sentido, o acontecimento não se reduz ao fato visível ou à cronologia dos fatos. Ele é aquilo que escapa, que se insinua como diferença irreduzível, como transbordamento de sentido. E quando o articulamos ao pensamento de Larrosa, a experiência se delineia não como mera vivência ou consumo de informações, mas como aquilo que verdadeiramente nos toca. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Larrosa, 2002, p. 21), e, por isso, é cada vez mais rara numa contemporaneidade saturada por fluxos de opinião e velocidade. Duas pessoas podem estar diante do mesmo acontecimento, mas a experiência que dele se produz será sempre singular, pois “o saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna” (Larrosa, 2002, p. 27).

Assim, ao propor esse encontro formativo, tensionado por sonhos, escuta e criação, não estávamos apenas realizando uma atividade didática. Estávamos, antes, abrindo a possibilidade para que algo nos acontecesse. Que o sonho não fosse um devaneio idealista, mas um vetor ético-estético de formação. Um acontecimento-sonho que, ao nos atravessar, mobilizou afetos, deslocou certezas e gestou potência, alegria e esperança, para nós outras e para os professores em formação. Acontecer, nesse caso, foi sonhar com a docência como experiência que transforma e nos devolve ao mundo em estado de criação.

A partir dessas articulações, nosso objetivo não era apenas apresentar conceitos, mas partilhar sentidos e convocar a sensibilidade como dimensão essencial da formação docente. Referimo-nos especificamente à formação de professores em curso de licenciatura em Pedagogia, cuja habilitação os direciona ao ensino das Ciências da Natureza nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa ênfase se justifica por nossa vinculação a um Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia, onde buscamos problematizar os modos como a vida se inscreve como conteúdo formador no campo do Ensino de Ciências. Ao articular

vida e sonho, evocamos a noção de acontecimento em Foucault, não como fato isolado, mas como dobra formativa que tensiona e desloca práticas naturalizadas de ensinar Ciências, fazendo da própria experiência um campo sensível de invenção docente. Para isso, criamos um espaço-tempo outro: o ateliê-vida.

Nesse sentido, o ateliê enquanto fabricação de vida é um território no qual estão dispersos os verbos: rasgar, inventar, amassar, desnaturalizar. Nele habitam os miúdos singulares, os restos, as rebarbas. Criamos, (des)criamos, (re)criamos. Pinturas pela metade, argilas pelo chão, papéis sobre mesas e paredes, imbricados às extensões de nosso corpo – mãos, ideias, ferramentas, sonhos, olhares. Ateliê enquanto criação de vidas, artesanias de gentes que ensinam ciências. “A verdade como ficção, invenção e criação. Uma visão perspectivista e interpretativa do conhecimento. O conceito como produção e intervenção, e não como descoberta ou reflexo. A insistência no caráter produtivo da linguagem” (Silva, 2001, p. 35).

Inspiradas na potência da arte e do sensível, organizamos o ambiente como um estúdio de cerâmica: mesas com argila, paredes com quadros pintados por nossas mãos, música ambiente e objetos que guardam as marcas das histórias de nossos corpos. A intenção era que os estudantes fossem acolhidos não apenas por uma professora, mas por uma vida em devir.

Em outros termos, ao trazermos para o centro da formação nossas memórias, afetos e dores, buscávamos deslocar o currículo de sua função prescritiva e instrumental, porque, para nós, “o currículo é a tessitura da linguagem e da experiência, é um processo que não se deixa aprisionar em currículos escolares. O currículo é, antes de tudo, experiência estética” (Corazza, 2002, p. 19).

Por conseguinte, iniciamos o encontro entregando aos estudantes pequenos pedaços de argila. Cada participante foi convidado a moldar a experiência marcada por sensíveis transformações em sua vida, inspirado pelos relatos que compartilharíamos sob a forma de três atos.

1º ATO – EU(contecimento) / Eu (studante) – Eu, adolescente, mulher, estudante da Escola Técnica Federal do Amazonas, inesperadamente grávida! Um acontecimento! Amava estudar, não me permitiria parar! Ao optar por nossas vidas, foi necessário (re) inventar-me. Aprender outros modos de ser, existir e de viver.

2º ATO – PROF.(SSIONAL) O tempo passou, crescemos, mas precisava trabalhar, os desafios a vencer eram muitos. Prossegui. Tive que educar, criar e orientar dois adolescentes sozinha. Tinha uma grande rede de apoio em família. Ah! Se não fosse meus pais! Mas precisava gerar recurso para nos manter, por isso, trabalhava os três turnos. E o que mais doía era estar muitas horas fora de casa. Quantos desafios! Agora estudando e trabalhando, no intervalo das reuniões de trabalho, passava mensagem para as colegas da faculdade de comunicação, informando que o trabalho já estava pronto e impresso para entregar para o professor. Anos mais tarde, após concluir a especialização na área, esses professores me convidaram para dar aula no ensino

superior. Lembro que recebi uma ligação da minha professora que disse: “Sua banca é quinta-feira, aguardo você, às 18:30h” – Acontecimento – eu profissional, professora!

3º ATO – (RE) EVOLUÇÃO – Rompi com as tentativas de controle sobre meu professorar - Aprovação no Mestrado! Como professora de ensino superior dos cursos da área de comunicação, não conseguia tolerar os discursos de que “os alunos estão cansados da teoria, da reflexão, eles querem produzir”, “a tecnologia nas mãos deles ajuda em tudo na hora de aprender”. Tudo isso me fazia viver muitos conflitos. Não tinha como ensinar para o mercado de trabalho, sem as reflexões necessárias e urgentes para sociedade que vivemos. Me recusei a obedecer aos discursos impositivos. Comecei a sofrer, sentia falta de ar, sentia falta da vida! Chegou um momento que foi necessário optar por meus sonhos. Entrei no mestrado, pesquisei o que amo. Hoje já não respiro mais por aparelhos. Vou me recuperando. Me desenvolvo, me movo e deixo a vida acontecer para ser muitas, estar em potência constante, aprendendo a ser fragilidades e me (re)fazer em múltiplas...” Sou acontecimental, lidar é sentir o que nos atravessa, nos rasga e por essas frestas transborda em muitas. Sou Nereida, menina, mulher, mãe, filha, irmã, professora-pesquisadora, mestranda. Sentir a vulnerabilidade que sou e pela imprevisibilidade da vida aconteço-me! Vivo! (Própria autora, 2024).

Cada ato anunciava uma irrupção na linha do tempo, um rasgo no tecido da continuidade, tal como o nascimento do meu primeiro filho na adolescência, que redefiniu profundamente meus caminhos. Assim sendo, cada narrativa mostrava um objeto: o uniforme bordado à mão por minha mãe e desenhado por meu pai; os bilhetes de jovens com quem convivi em encontros da juventude espírita no Amazonas; as fotografias que eternizam afetos familiares.

Esses objetos eram dispositivos pedagógicos, poéticas da existência que reconfiguram a forma como nos compreendemos e nos propomos como educadoras. A partir dessas evocações, modelávamos a argila com as mãos e com o coração. Uma argila que também era linguagem, que também era currículo, corpo.

Foi nesse momento que o conceito de acontecimento se encarnou. Inspiradas por Foucault e por Corazza, compreendemos que o currículo não é algo dado, mas algo que se inventa na dobra entre o vivido e o pensado, entre o que nos atravessa e o que transbordamos, pois “o currículo não pode ser senão lugar de invenção, de invenção de si e do mundo” (Corazza, 2002, p. 31). E mais, essa invenção não se realiza por delineamentos fixos, margeados por uma consciência representacional, mas por intensidade, “um processo que pulsa” (Ibidem, p. 28), que se move como a argila em nossas mãos.

Como resultado, ao final das partilhas, convidamos os professores em formação a moldarem as experiências que os atravessaram, germinando saberes e aprendizados. Ali sentindo o fluxo, fomos problematizando qual acontecimento ocorreria “[...] como irrupção de uma singularidade única e aguda no lugar de e no momento de sua produção” (Cardoso, 1995, p. 55), ou seja, a partir dessa irrupção tivemos que pausar para poder lidar com o aprendizado

disparado pela experiência, nos (re)inventar e aprender outros modos de ser, existir e de viver para sobreviver ao inesperado. Naquele cenário, alguns, emocionados, compartilharam suas histórias: perdas, recomeços, dores e descobertas. A sala se tornou uma escuta viva, um campo de afetos em que a docência se anunciava como experiência. Além disso, convém destacar que havia lágrimas, sorrisos, silêncios. Havia corpo, mundo.

**Figura 1** – Mãos que produzem vidas própria



Fonte: Autoria própria (2024).

Nesse espaço sensível, compreendemos que os professores em formação também são acontecimentais, são vidas sonhadas. Como lembra Do Carmo (2019, p. 233), “a concepção foucaultiana de acontecimento nos permite perceber os efeitos sutis e profundos do poder sobre os corpos, sobre os tempos e sobre os currículos”. Ao abordarmos o acontecimento como experiência atravessada por sentido, irrupção, como descontinuidade, abrimos espaço para compreender a atualidade por outros ângulos, inclusive aqueles que revelam a persistência de discursos machistas, sexistas e feminicidas que atravessam gerações. Isto é, cada um deles traz em si a potência de um currículo que se reinventa a cada encontro, que se fabrica a partir daquilo que escapa aos manuais e às diretrizes normativas. Já que o currículo é um “gesto que se arrisca no acontecimento” (Corazza, 2002, p. 17), e, nesse gesto de vida, tudo pode começar.

**Figura 2** – Professores em formação e suas modelagens-vida



Fonte: Autoria própria (2024).

Assim, o ateliê-vida tornou-se também um ensaio de currículo-menor: aquele que brota das dobras da experiência singular, do corpo sensível que escuta, acolhe e se recusa a ser apenas reprodução. Um currículo que se compõe nas margens, nos entremeios, nos desvios. Ao sonharmos esse encontro, sonhamos também com uma outra formação em Ciências, não como conteúdo fixo, mas como campo de forças atravessado pela vida. Não se trata aqui do sonho que repousa no sono ou que idealiza uma evasão romântica do real, mas daquele que, como escreve Corazza (2021, p. 4), “lê-e-escreve, prepara livros e pratica a Docência. Logo, a pesquisa estuda o sonho operante, que nos leva a dizer fantasisticamente: – Eu sonho, eu sonho, tão amiúde, que me vejo a-traduzir o Arquivo, por excelência, da Docência”.

Um sonho operante, fabulatório, que traduz o arquivo sensível da docência, feito de barro e memória, como ele mesmo evoca: “o sonho de uma vida inteira de professora-pesquisadora, (...) autora estrangeira que sou desse mesmo sonho” (Corazza, 2021, p. 5).

Ao compreender o sonho como esse vetor de invenção e tradução de si, inscrevemos também a noção de acontecimento em Foucault (2022a; 2013) como aquilo que desorganiza as continuidades, interrompe as causalidades lineares e convoca o sujeito à criação de outros modos de existência. Acontecer, nesse contexto, é ser atravessado por forças que desestabilizam as formas instituídas de ensinar Ciências, abrindo passagens para que o currículo seja também vida vivida e interrogada. Por isso, ao sonhar com uma docência outra, forjada na argila da memória, nas frestas do cotidiano e nas imagens que nos visitam em estado de vigília sensível, propomos a potência do sonho como gesto de descolonização do ensinar. Como indicam Corazza e Reis (2020, p. 16), “os estudos dos sonhos a partir de diversas culturas são potências que abrem espaços a pensar pela descolonização acadêmica”.

Nesse horizonte, vislumbramos o sonho como força educadora que germina escritas, poesias, pinturas e práticas formativas outras. Um sonho que não aponta destinos, mas irrompe como acontecimento: irrupção da vida no campo do saber. É nele que a docência, enquanto devir, se deixa contaminar pelas imagens que a ultrapassam, abrindo caminhos para aprender com a floresta, com o silêncio, com o inacabado, com aquilo que escapa, mas forma.

Ao pensarmos o currículo como invenção em diálogo com os professores em formação, não buscamos receitas nem modelos, mas nos colocamos em processo. Um processo que, como “não se realiza por representação, mas por intensidade” (Corazza, 2002, p. 28). É esse movimento intensivo que desejamos ativar quando falamos em sonhar um currículo-vida: um currículo que se deixa atravessar pelos acontecimentos, pelas singularidades e pelas brechas do cotidiano que escapam à lógica da norma.

Deste modo, encontramos no sonho não apenas a dimensão estética da poesia e da arte, mas também uma função social, como afirmam Corazza e Reis (2020, p. 18), ao proporem “a função social e poética do sonho como análises críticas e não moralistas”. Os sonhos didáticos, nessa perspectiva, operam como deslocamentos transindividuais na docência-pesquisa, onde se entrelaçam problematizações que atravessam os temas da vida, aqueles que escrevem, pesquisam e traduzem as aulas como discursos da subjetividade, como testemunhos marcados por relações de classe, de gênero e de direitos à poética e à fantasia, ressemantizando tanto a história quanto a atualidade.

É nesse horizonte que se tornam possíveis confabulações como a que vivenciamos neste encontro formativo. Uma experiência sentida e vivida como acontecimento, que nos atravessou e transformou, criando potências de vida, alegrias compartilhadas e esperanças insurgentes, para nós outras e para os professores em formação. Acontecimento-sonho, portanto, que ao vibrar em nós, nos permite sonhar a docência como um gesto coletivo de invenção e reexistência.

Ademais, como amazônidas, deixamo-nos guiar pelas lógicas de um cotidiano das águas do rio Negro, pelos sussurros da floresta que, em sua sabedoria silenciosa, nutre e nos devolve ao mundo com a força que ela carrega em vida. Essa vida se enraíza nas travessias dos acontecimentos entre os corpos que habitam esse território.

Diante desse contexto, as formas escolares que domesticam, padronizam e silenciam, e não cabem nessa força que carrega o rio e a floresta. E, como correnteza de rio cheio, reexistimos frente aos discursos que, por séculos, interditarão os corpos em docências. Nesse encontro-sonho, então, nos posicionamos como reexistência aos mecanismos de poder que se

exercem sobre a vida, em um ensino, a partir de composições de um currículo-vida que escreve com o corpo.

**Figura 3** – Composições de um currículo-vida que escreve com o corpo



Fonte: Autoria própria (2024).

Como onda do mar, banzeiro do rio, entre idas e vindas, movimentamos e nos buscamos em constituições outras, de lagoas em terras avermelhadas para compormo-nos em Amazônia, os quais habitamos e, por ela, somos habitadas, integrando vidas, singularidades, irrupções. Enfim, aqui estamos em sonhos e invenções, por uma educação em Ciências com a vida, feito por ela!

## Considerações de um currículo-vida

Ao sonharmos o currículo como vida-acontecimento, guiadas pelos aportes da Filosofia da Diferença, acessamos frestas em que a docência pode ser (re)inventada. Dessa maneira, neste ensaio, assumimos o sonho como método para materializar o encontro e o acontecimento como matéria de vida.

Ao nos fazermos sonhadoras, com o corpo inteiro atravessado por memórias, afetos, rupturas e encontros, percebemos que sonhar não é escapar do real, mas afirmar a possibilidade de outros possíveis de viver em modos de reexistências.

Nesse sentido, reexistir é inventar, sonhar, imaginar. Criar outros modos de existir, de aprender, de ensinar e de viver. Criar um currículo que seja ético, estético e político, que reconheça as subjetividades amazônidas, seus saberes, ritmos e modos de vida. Criar, como afirma Do Carmo (2019, p. 242), o qual discorre que “novos modos políticos do viver” que

compreendam a reexistência como condição ontológica da liberdade. Logo, essa liberdade que sonhamos para ensinar e aprender, sem a opressão do Estado que se impõe com o currículo-maior, mas emerge em possibilidades de habitar o acontecimento, de fabular, sonhar, compor e transbordar currículos outros: currículos-menores, currículos-vida.

Esses currículos não cabem em diretrizes, nem se deixam capturar por competências. Eles se moldam no barro, na escuta, naquilo que nos rasga e nos reinventa. Eles se fazem na escrita de si que se permite ser tocada pelo outro. Eles são rizomáticos, intensivos, vibráteis. Eles ensinam a viver, pois são vidas atravessadas por experiências transformadoras.

Trata-se de um currículo sonhado a partir de um ateliê-vida, tecidos por uma força que transborda a linearidade das competências e o enquadramento das diretrizes, pois sonhar é deslocar-se, é (re)escrever a si e ao mundo com outros contornos, com outras tintas. Tal como o sonho-operante de que fala Corazza, o currículo sonhado é arquivo sensível da docência: feito de barro, de rios, de folhas, de rastros, de imagens que nos visitam em vigília e nos atravessam com intensidade. É o que nos permite confabular mundos possíveis — mundos que não cabem nas prateleiras do currículo-maior, que endurece, classifica, mede, hierarquiza. As linhas buscaram abandonar as marcas por contornos e traços muito definidos, que compreendiam um currículo que forma professores pelas ideias de transmissão, acúmulo, preenchimento dos corpos, como argilas enrijecidas que não permitem outras formas. Prateleiras ocupadas por tantos “é preciso”, “é necessário”; copos com pincéis de pelos duros que até furam os papéis, as possibilidades.

Essa argila, moldada em conformações, foi sendo [des]truída, [re]construída e [trans]construída, e as linhas traçadas passaram a acompanhar diferentes formatos – aqueles que também erram, são disformes, umedecidos. O sonho aqui sonhado dispara outros tipos de artesanias: escritos de si em barro úmido, gotas de água da criação em multiplicidade de contornos. Nesse sentido, ao caminhar nessa travessia, compreendemos que o sonho de um currículo-vida não é apenas possível: é (ins)urgente. E esse sonho não é individual, uma vez que se tece no coletivo, na partilha, no afeto. É sonho que se deixa contaminar pelos rios, pelas folhas, pelas vidas-menores que insistem, há séculos, em existir.

Se nos perguntarem o que é um currículo-vida da/na diferença, responderemos como quem vive e escreve com o corpo-sonhado. É aquele que não apenas ensina, mas se deixa ensinar pelo que escapa. É aquele que não apenas organiza saberes, mas se (des)organiza ao ser afetado. É aquele que sonha, porque acredita que ainda é possível viver e ensinar com alegria, com afeto e com a terra debaixo dos pés.

### Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pela bolsa e auxílio-pesquisa do Programa de Apoio à Pós-Graduação Stricto Sensu – POSGRAD – Edição 2025/2026, à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PGEEC), e ao grupo de pesquisa Vidar em In-tensões pelas travessias potentes e metamorfoseantes, pelos encantamentos da natureza e respeito à vida de humanos, não humanos. Por fim, por todos os sonhos da e pela vida abundante e próspera de ser e viver as amazônias que nos habitam.

### Referências

- BRITO, Maria dos Remédios de. A menor poética da natureza: entre Deleuze e Bernardo da Mata. **Linha Mestra**, n. 35, p. 33-39, 2018. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/viewFile/25/40>. Acesso em: 06 jun. 2025.
- CARDOSO, Irene. de Arruda Ribeiro. Foucault e a noção de acontecimento. **Tempo Social**, v.7, n. 1-2, p. 53–66, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/sRlFP8FLWkgMjBgS6JvD9jg/>. Acesso em: 3 de jun. 2025.
- CASTRO, Edgardo. **O vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Edição revista e ampliada. Tradução: Luis Gil Reyes. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.
- CORAZZA, Sandra Mara. Currículo: invenção de si e do mundo. *In*: VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Currículos: um tema introduzido na Filosofia da Diferença**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 11–34.
- CORAZZA, Sandra Mara.; REIS, Marina dos. Sonho e Educação: deslocamentos pela Filosofia da Diferença. **Reflexão e Ação**, v. 28, n. 2, p. 7-20, 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/14013>. Acesso em: 31 jul. de 2025
- CORAZZA, Sandra. Mara. O Sonho da Docência: Fantástico Tear. **Pro-Posições**, v. 32, n. 1, e20200008, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8666813>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- DANI-VI. **A Corpacha da Educação com Manoel de Barros: en-cantações ameríndias e nomadismos cosmocorporais**. 2024. 471f. Dissertação (Mestrado em Cultura, Filosofia e História da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48135/tde-28032024-074310/pt-br.php>. Acesso em: 31set. de 2024.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs 4**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DO CARMO, Miguel Ângelo de Oliveira. Michel Foucault e a Gestão da Vida. **Revista Kinezis**, v. 11, n. 28, p. 229–241, 2019. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/9143>. Acesso em: 05 jun.

2024.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2022a.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagem, 1992. p. 129-160.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade 3: o cuidado de si**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 9 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022b.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

GALLO, Sílvio Donizetti de Oliveira; MONTEIRO, Alexandrina. Educação menor como dispositivo potencializador de uma escola outra. **REMATEC: Revista de Matemática, Ensino e Cultura**, v. 15, n. 33, p. 185-200. 2020. Disponível em <https://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/147>. Acesso em: 30 jul. 2025.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20–28. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/#>. Acesso em: 30 jul. 2025.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículos: teoria e política**. São Paulo. Contexto, 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Dr. Nietzsche, curricularista: com uma pequena ajuda do professor Deleuze. *In*: Reunião Anual da ANPED, 24., Caxambu. Anais... Caxambu: ANPED, 2001. p. 189. Disponível em: <http://24reuniao.anped.org.br/tp.htm>. Acesso em: 15 jul. 2025.

VEIGA-NETO, A. É preciso ir aos porões. **Revista Brasileira de Educação**, v.17, n. 50, p. 267–282, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/tqdG7b3B787cXjdYvSfLhxx>. Acesso em: 10 ago. de 2024.

VILELA, Maria Elizabeth de Mello; BÁRCENA ORBE, Fernando. Acontecimento. *In*: CARVALHO, Adalberto Dias de. (Org.). **Dicionário de Filosofia da educação**. Porto: Porto Editora, 2007, p. 14-19.

### **SOBRE O(S)/A(S) AUTOR(ES)/A(AS)**

**Nereida Tavares Neves Benevides**. Pedagoga pela Universidade Federal do Amazonas. Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Amazonas. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1714192692052283>

**Caroline Barroncas de Oliveira**. Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso. Professora da Universidade do Estado do Amazonas. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7898558694581023>

**Monica de Oliveira Costa**. Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela

Universidade Federal de Mato Grosso. Professora da Universidade do Estado do Amazonas.  
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0219564272293424>

**Como citar**

BENEVIDES, Nereida Tavares Neves, OLIVEIRA, Caroline Barroncas de; COSTA, Monica de Oliveira. SONHAR UM CURRÍCULO-VIDA COM PROFESSORES EM FORMAÇÃO QUE ENSINAM CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS. **Revista Espaço Currículo**, v.18, n.2, e74462, 2025. DOI: 10.15687/rec.v18i2.74462